

CAFÉ COM AÇÚCAR: A FORMAÇÃO DO MERCADO CONSUMIDOR DE AÇÚCAR EM SÃO PAULO E O NASCIMENTO DA GRANDE INDÚSTRIA AÇUCAREIRA PAULISTA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

José Evando Vieira de Melo¹

A implantação da lavoura escravista mercantil nas terras de ‘serra acima’, nas últimas décadas da colonização portuguesa, conectou a Capitania de São Paulo ao mercado mundial, primeiramente pelo porto do Rio de Janeiro, e posteriormente pelo porto de Santos.

A expansão dessa lavoura escravista mercantil, ao longo do período imperial, transformou a província de São Paulo num dos maiores pólos de crescimento da economia brasileira. Canalizou para a Província uma grande quantidade de escravos e livres para o trabalho e gerou uma poderosa elite que se tornou o principal grupo de poder do país.

Se foi com a lavoura e exportação cafeeira que a Província tornou-se conhecida, foi a antiga manufatura açucareira, com sua lavoura de cana e seus engenhos, que se introduziu a plantation no planalto paulista. Antes do porto de Santos se transformar no porto do café, ele foi o porto do açúcar. Durante toda a primeira metade do século XIX, se exportou mais açúcar do que café por este porto, por onde exportava a produção do Oeste paulista, região na qual se concentrava a manufatura açucareira da Província.

A expansão da lavoura cafeeira no Oeste paulista, em meados do século, justamente no momento de cessação do tráfico internacional de escravos, levou a uma diminuição e reconfiguração da manufatura açucareira. O café passou a liderar a pauta de exportação da Província, enquanto o açúcar se converteu em artigo de consumo interno.

Este artigo discute essa reconfiguração da manufatura escravista açucareira paulista, voltada agora para o abastecimento do mercado provincial, ampliado pelo crescimento do complexo cafeeiro exportador, responsável pelo grande aumento da população da Província, na segunda metade do século XIX. Discute também o nascimento da grande indústria açucareira paulista, dentro do quadro da política imperial de financiar a implantação dos engenhos centrais no País.

Em seu clássico trabalho sobre a agromanufatura açucareira em São Paulo, Maria Thereza Petrone demonstrou a importância do chamado “ciclo do açúcar” para o rápido crescimento da produção cafeeira nas terras do Antigo oeste paulista, na medida em que cedeu-lhe terras já então desbravadas, forneceu capitais e escravos já concentrados e criou um sistema comercial e de transporte, com seus caminhos de tropas de mulas, tropeiros e comerciantes, para a exportação dos produtos da Província. Sem tais condições não teria sido possível o rápido crescimento da produção e exportação do café pelo porto de Santos.

¹ Doutorando em História Econômica pela Universidade de São Paulo.

Mas o café não apenas se beneficiou da estrutura criada pela produção do açúcar, pois o desenvolvimento do complexo cafeeiro e sua expansão, na segunda metade do século XIX, garantiu a própria sobrevivência da agromanufatura açucareira paulista e possibilitou a criação da grande indústria de açúcar e álcool em São Paulo, no último quartel do oitocentos. O complexo cafeeiro retribuiu o complexo açucareiro com capitais, estradas de ferro, imigrantes e um amplo mercado consumidor de açúcar, aguardente e álcool.

É bem conhecido o momento em que a exportação de café ultrapassou a de açúcar pelo porto de Santos, desbancando o açúcar da liderança da pauta de exportação paulista de toda a área interiorana tributária do porto santista. Foi na safra de 1850/51, quando passaram pela barreira de Cubatão 470.054 arrobas de café e 344.904 arrobas de açúcar². A região do Vale do Paraíba, desde a década de 1830, já tinha no café sua principal fonte de riqueza, mas a produção cafeeira dessa região era tributária do porto do Rio de Janeiro. Diferentemente dessa região, no Oeste paulista as culturas da cana e do café expandiam-se simultaneamente, da década de 1830 até meados da década de 1850.

O açúcar não apenas perdeu a liderança nas exportações paulistas, em meados do século XIX, mas retirou-se do mercado mundial e converteu-se em produto de abastecimento do mercado interno regional, alargado pelo desenvolvimento do complexo cafeeiro. No ano financeiro de 1860/ 61, apenas 16 arrobas de açúcar passaram pela barreira de Cubatão³.

A queda da exportação de açúcar e o aumento da de café levou a Historiadora Maria Thereza Petrone a demarcar o fim do “ciclo do açúcar” paulista e decretar o declínio de sua produção, em 1850/51. Escreveu a autora:

*1846-1847 é, certamente, o ano mais importante, o ano decisivo para a cultura canavieira. Os agricultores do hinterland de Santos, a partir de então, resolvem abandonar o cultivo da cana-de-açúcar para se dedicarem ao café. O ‘quadrilátero do açúcar’ vai transformar-se em zona cafeeira. O café plantado em 1846-1847 produzirá, em 1850-1851, ano em que ultrapassa, em volume, a exportação de açúcar pela barreira de Cubatão. Estranha coincidência! No ano de maior exportação de açúcar também foram formados grandes cafezais, e daí a pouca produção tanto, que o açúcar passará para o segundo lugar nas exportações de Santos.*⁴

E prossegue a autora:

O destino da lavoura canavieira já está decidido, portanto, a partir de 1846-1847, mas torna-se mais patente a começar a segunda metade do

² PETRONE, Maria Thereza Shorer. *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p. 162.

³ SILVA, Francisco Alves da. *Abastecimento em São Paulo: estudo histórico do aprovisionamento da Província via barreira de Cubatão (1835-1877)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1985, p. 103 (Dissertação de Mestrado).

⁴ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 162.

*século. O ‘quadrilátero do açúcar’ deixou de sê-lo, para se dedicar com verdadeira obsessão à cultura do café.*⁵

Fica claro pelas citações que o olhar da autora está completamente voltado para a exportação, para o mercado externo, o que a levou a demarcar o declínio da agromanufatura açucareira paulista pela quantidade exportada, não pela produzida. A queda da quantidade de açúcar exportada, nesse momento, não ocorreu devido à diminuição da produção desse produto, mas ao redirecionamento do mesmo para o mercado interno. Nesse ano de 1850, alguns engenhos, em alguns municípios, já haviam apagado seu fogo, substituindo a produção de açúcar pela do café, mas no conjunto do “Oeste”, a manufatura açucareira não estava decadente, como deixa claro o Presidente da Província, Nabuco D’Araujo, em 1852:

A cultura do café prospera cada vez mais, e promete a esta província um grande futuro.

A mudança da cultura do assucar para a de café e chá, he uma tendencia que os nossos fazendeiros manifestão, e se vae operando insensivelmente: esta tendencia provem, como sabeis, não só de ser mais facil e vantajosa esta cultura do que aquella, como porque he menos sujeita ás avarias inherentes ao pessimo estado das nossas vias de communicações, e impossibilidade da rodagem.

*Todavia não obstante essa tendencia a cultura do assucar não está decadente.*⁶

Essa “estranha coincidência” é explicável por dois motivos: primeiro, a implantação da lavoura cafeeira ocorreu de forma desigual nas vilas do Oeste paulista, até a sexta década do século XIX. Enquanto declinava a produção de açúcar e o canavial cedia espaço ao cafezal em municípios como Campinas e Rio Claro, o número de engenhos e o conseqüente aumento da produção de açúcar ampliava-se em municípios como Itú, Piracicaba, Capivari e Mogi-Mirim, como apresentaremos com dados a seguir. É importante salientar aqui que a maioria das fazendas produtoras de café, no início da segunda metade do oitocentos, não era formada por antigos engenhos de fogo morto, mas por novas propriedades abertas já com o objetivo de cultivar café. Segundo, a maior parte do açúcar produzido em São Paulo era consumida internamente, abastecendo toda a população engajada nas outras atividades econômicas da Província, em especial nas lides cafeeiras.

Os dados recolhidos pelo Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira, responsável pela organização das estatísticas provinciais, para o ano de 1854, demonstram o estado da lavoura escravista mercantil e fornecem elementos para pensar as afirmações acima. A primeira observação a ser feita é que a produção de açúcar no Oeste paulista está em seu auge, não em declínio, dividindo as terras da região com os cafezais. A produção de 851.275 arrobas de açúcar dos municípios do

⁵ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 163.

⁶ AESP *Discurso com que o Illm. Sn. Dr. José Thomas Nabuco D’Araujo, Presidente da Provincia de S. Paulo abriu a Assembléa Legislativa provincial no dia 1º de maio de 1852*, p. 36.

Oeste é superior, inclusive, as 776.122 arrobas colhidas de café, na mesma região. Nesta região estava concentrada a manufatura do açúcar, pois possuía 575 fazendas de cana, das 667 da Província, produzindo 851.275 arrobas, de um total de 866.140. Outras 92 propriedades canavieiras espalhavam-se no Vale do Paraíba e no litoral Norte, abastecendo essas áreas cafeeiras de açúcar e aguardente.

FAZENDAS DE AÇÚCAR NO OESTE DE SÃO PAULO EM 1854

MUNICÍPIOS	FAZENDAS	AGREGADOS	COLONOS	ESCRAVOS	ANIMAIS DE CONDUÇÃO	AÇÚCAR EM ARROBAS	IMPORTÂNCIA EM RÉIS	ÁREA EM LÉGUAS ²
Jundiá	19	60	0	720	400	22.000	50.000.000	4
Campinas	44	0	0	1.967	944	62.290	99.694.000	16
Piracicaba	51	0	0	1.889	540	131.000	262.000.000	29
M. Mirim	57	0	9	1.524	3.096	227.000	452.000.000	30
Limeira	13	22	0	80	400	3.500	63.100	-
Rio Claro	30	108	0	501	210	33.980	53.600.00	27
Araraquara	12	0	0	108	90	5.000	10.000.000	10
Franca	20	40	0	243	500	8.800	20.000.000	-
Sorocaba	10	3	0	409	70	12.325	19.720.000	7
Itu	164	40	0	3.408	4.190	159.070	254.512.000	412
P. Feliz	38	0	0	942	1.062	43.310	61.950.000	4 1/2
Pirapora	47	10	1	962	345	43.000	81.950.000	-
Capivari	70	0	0	1.500	400	100.000	140.000.000	-
TOTAL	575	283	10	14.253	12.247	851.275	1.568.526.000	539

FAZENDAS DE CAFÉ NO OESTE DE SÃO PAULO EM 1854

MUNICÍPIOS	FAZENDAS	AGREGADOS	COLONOS	ESCRAVOS	ANIMAIS DE CONDUÇÃO	CAFÉ EM ARROBAS	IMPORTÂNCIA EM RÉIS	ÁREA EM LÉGUAS ²
Jundiá	57	66	235	1.450	820	60.000	180.000.000	8
Campinas	177	28	198	6.000	944	335.550	1.006.650.000	44 1/2
Piracicaba	16	0	380	318	220	30.000	118.000.000	8
M. Mirim	66	174	38	982	1.500	80.000	320.000.000	20
Limeira	65	40	942	1.747	162	121.800	365.400.000	4
Rio Claro	65	313	231	1.426	650	99.670	239.890.000	50
Araraquara	4	0	0	61	30	2.000	6.000.000	4
Franca	-	-	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	19	12	2	775	277	12.750	38.250.000	14 1/2
Itu	60	60	11	759	331	16.702	50.106.000	41
P. Feliz	16	4	7	177	96	6.350	19.050.000	2
Pirapora	20	4	2	927	60	3.300	6.090.000	-
Capivari	14	0	0	70	150	8.000	22.000.000	-
TOTAL	579	701	2.046	14.692	5.240	776.122	2.343.436.000	196

Fonte: *Quadro Estatístico de Alguns Estabelecimentos Rurais da Província de São Paulo em 1854*⁷.

⁷ Discurso com que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Dr. José Antonio Saraiva, Presidente da província de S. Paulo, abriu a Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de Fevereiro de 1855. São Paulo: Typographia, 2 dez. 1855. AESP, microfilmes, rolo 20.

Dos treze municípios do Oeste arrolados em 1854, oito produziam mais açúcar do que café e, diga-se, em muito maior quantidade. A produção de café dos municípios de Itú, Capivari, Piracicaba, Porto Feliz e Pirapora é insignificante, em comparação à produção de açúcar. Mogi-Mirim, maior produtor de açúcar com 227.000 arrobas, já colhia 80.000 arrobas de café. A produção de café em Campinas (335.550 arrobas) destoava daquela dos outros municípios, pois colhia quase metade de todo café da região. Os municípios mais distantes, como Franca e Araraquara, tinham pouca participação na lavoura escravista mercantil, o mesmo ocorria com Sorocaba, na rota do gado.

Não se pode afirmar, portanto, que em meados da década de 1850, o Oeste fosse um espaço eminentemente cafeeiro, muito menos que o “*quadrilátero do açúcar deixou de sê-lo, para se dedicar com verdadeira obsessão à cultura do café*”⁸. A pequena exportação de café de Itú (6.540 @), Capivari (9.034 @), Pirapora (503 @), Piracicaba (37.697 @), e M. Mirim (49.489 @), em comparação às 175.187 arrobas exportadas por Limeira e às 640.565 arrobas exportadas por Campinas, na safra de 1859/60, demonstram a permanência de importante manufatura açucareira no Oeste e a grande concentração da produção cafeeira em Campinas⁹.

Do montante de 866.140 arrobas de açúcar produzidas, em 1854, apenas 184.049 (21,25%) foram exportadas¹⁰. Ou seja, quase 80% da produção de açúcar dos engenhos paulistas eram consumidos internamente, o que garantia a existência de uma importante agromanufatura escravista mercantil produtora de açúcar e aguardente. As tropas de mulas, em sua maioria, não mais tinham que enfrentar a descida da Serra do Mar carregadas de açúcar. Levavam agora um produto menos perecível, o café, e em maior quantidade. Tal fato foi percebido na época, como escreveu José Antonio Saraiva:

*A cultura da canna em breve se reduzirá as proporções compatíveis com o consumo da Província, e o de alguns Municípios de Minas.*¹¹

O quadro da procedência do açúcar e do café, exportados pelo porto de Santos, elaborados por Thereza Petrone, permite observar a transformação ocorrida com a exportação de açúcar.

Os dados mostram como a maior parte do café e do açúcar exportados por Santos procedia de um número reduzido de municípios. Quatro dessas localidades, Itu, Piracicaba, Capivari e Porto Feliz, respondiam por 149.394 arrobas de um total de 184.049 exportadas, em 1854-55. Verifica-se que o maior volume na exportação do açúcar ocorreu no ano de 1846-47, declinando acentuadamente até 1855. Esse declínio dá-se em todos os municípios marcadamente exportadores de açúcar, com exceção de Porto Feliz que teve uma exportação muito abaixo do

⁸ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 162.

⁹ *Discurso com que o Ill. e Exm. Senhor Conselheiro Antonio José Henriques, Presidente da Província de S. Paulo, abriu a Assembléa Legislativa Provincial no anno de 1861.* Anexo: Quadro da exportação de 1859/ 1860.

¹⁰ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 163. SILVA, *Abastecimento...*, p. 103.

¹¹ *Discurso com que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Dr. José Antonio Saraiva...*, p. 16. AESP.

PROCEDÊNCIA DO AÇÚCAR E O DO CAFÉ POR SANTOS (1836-1855)

MUNICÍPIO	1836-1837		1842-1843		1846-1847		1854-1855	
	AÇÚCAR EM ARROBAS	CAFÉ EM ARROBAS	AÇÚCAR EM ARROBAS	CAFÉ EM ARROBAS	AÇÚCAR EM ARROBAS	CAFÉ EM ARROBAS	AÇÚCAR EM ARROBAS	CAFÉ EM ARROBAS
Campinas	152.922	4.927	55.948	15.860	203.195	66.640	12.085	313.063
Itu	66.495	1.086	46.723	429	141.613	7.287	40.099	5.075
Piracicaba	71.213	2.587	27.782	2.088	50.633	2.597	38.707	19.213
P. Feliz	66.751	383	24.884	358	3.572	-	37.404	7.676
Capivari	46.012	36	25.367	536	78.479	2.582	33.274	3.786
Jundiá	12.146	810	6.395	650	22.572	1.666	1.062	25.751
M. das Cruzes	7.561	14.921	343	3.870	12.914	27.320	801	37.224
M Mirim	5.450	-	5.234	997	8.460	54	4.596	21.845
São Paulo	2.802	1.583	628	894	19.944	4.651	2.327	8.431
Bragança	32	2.140	-	610	626	2.599	159	14.470
Paraibuna	270	1.126	-	-	-	-	-	-
S. Bárbara	304	-	-	-	764	1.011	-	-
Sorocaba	802	1.114	-	-	1.232	862	769	3.653
Parnaíba	192	-	110	-	-	-	186	-
Jacareí	178	45.739	-	19.457	10.218	90.431	690	135.312
Minas	189	-	296	-	3.024	4.327	-	1.508
São José	-	7.934	-	2.542	2.818	8.834	1.497	36.496
Limeira	-	-	-	216	15.708	8.053	3.930	53.336
S. Branca	-	441	-	2.119	-	1.377	-	7.627
S. Isabel	-	1.213	-	828	141	1.060	-	4.207
S. Bernardo	-	1.168	-	-	548	709	98	440
Taubaté	-	230	-	30	-	-	-	7.765
Amaparo	-	206	303	139	4.519	-	-	9.600
Outros	-	13	495	8	16.596	4.520	6.363	57.424
TOTAL	433.268	87.659	194.509	51.633	597.551	236.737	184.049	773.892

Fonte: PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 166.

seu padrão, e simultaneamente à ascensão da exportação do café.¹² É muito importante frisar, para nossos objetivos, que o declínio da exportação de açúcar, no início dos anos 1850, nos principais municípios exportadores de açúcar, não está relacionado à substituição da cana pelo café, com exceção de Campinas e Jundiá, pois a produção de café naquelas localidades é bem inferior ao declínio da exportação açucareira.

À mesma conclusão chegaremos se compararmos os dados de produção, fornecidos pelo Brigadeiro Machado de Oliveira, aos dados de exportação. Em 1854, os municípios de Itu, Piracicaba, Capivari e Porto Feliz exportam menos

¹² É de se estranhar esse baixo volume de exportação de açúcar de Porto Feliz, em 1846-47, quando o município produzia mais de 40.000 @ anualmente. Ver: PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 49-50.

açúcar do que no final da década anterior, mas estão no auge da produção escravista mercantil açucareira.

PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR NO OESTE PAULISTA EM 1854 (EM ARROBAS)

MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO	%
Campinas	62.290	12.085	19,40
Itu	159.070	40.099	25,21
Piracicaba	131.000	38.707	29,55
Porto Feliz	43.310	37.404	86,36
Capivari	100.000	33.274	33,27
Jundiaí	22.000	1.062	4,83
Mogi-Mirim	227.000	4.596	2,03

Fontes: “Quadro Estatístico de Alguns Estabelecimentos Rurais da Província de São Paulo em 1854”¹³; PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 166.

Verifica-se que, com exceção de Porto Feliz que exporta 86,36% do total de sua produção, mesmo os maiores exportadores de açúcar da Província direcionam a menor parte de sua produção para o mercado externo, exportando cerca de um quarto a um terço do açúcar produzido. Jundiaí exportou apenas 4,83% das 20.000 arrobas produzidas.

O município de Mogi-Mirim constitui caso diferente no quadro do desenvolvimento da manufatura escravista açucareira no Oeste paulista, em relação ao mercado consumidor de açúcar. A produção de Mogi Mirim não se desenvolveu voltada para o mercado externo, como ocorrera com os outros grandes produtores do Oeste. Em 1836-37, enquanto Campinas exportava 152.922 @ de açúcar, Mogi-Mirim exportava apenas 5.450, de uma produção de 40.520 arrobas. No auge da exportação paulista, no ano de 1846-47, este município vendia via Santos apenas 8.460 arrobas de açúcar. Em 1854, é o maior produtor paulista, com 227.000 arrobas, mas exporta apenas 4.596, 2,03%¹⁴. Sua exportação de açúcar nunca foi significativa, pois sempre abasteceu o mercado interno. Neste caso, a distância do porto de Santos jogava papel fundamental na escolha do mercado consumidor para o açúcar produzido nesta localidade, à medida que os custos dos transportes eram muito elevados.

A partir de 1855, o café foi responsável pela expansão da lavoura escravista mercantil também no Oeste, penetrando nos municípios açucareiros, causando a diminuição da produção de açúcar na Província. O aumento da escala de produção

¹³ “Quadro Estatístico de Alguns Estabelecimentos Rurais da Província de São Paulo em 1854”. In: *Discurso com que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Dr. José Antonio Saraiva, Presidente da província de S. Paulo, abriu a Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de Fevereiro de 1855*. AESP, microfilmes, rolo 20.

¹⁴ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 50 e p. 166.

e exportação no Oeste, que rompeu a barreira de um milhão de arrobas já no final da década de 1850, levou ao aumento do setor de transporte e comercialização, com o respectivo aumento da população, inclusive com o aumento do plantel de escravos a partir da importação de cativos do Nordeste.

A expansão da plantação cafeeira repetiu o desmembramento dos municípios do Oeste, como ocorrera com a expansão açucareira, a partir do final do século XVIII. Antes o aumento do número de engenhos e da produção de açúcar levava ao surgimento de várias vilas, agora era a ampliação das fazendas de café que levava à autonomia de Paróquias e Freguesias. Esse crescimento econômico e demográfico criou o mercado de consumo que os senhores de engenho necessitavam para a comercialização de seus produtos¹⁵.

O que apresentamos até aqui foi com o objetivo de demonstrar como a implantação da lavoura cafeeira de exportação em São Paulo, em especial no Oeste paulista, converte a produção açucareira para o mercado interno, a partir da década de 1850. Agora pretendemos demonstrar a permanência da agromanufatura açucareira em alguns municípios, a ampliação do mercado consumidor e a implantação dos engenhos centrais.

Após a implantação da lavoura cafeeira no eixo Capinas Mogi-Mirim, o café ruma em direção a Piracicaba, Itu, Capivari e Porto Feliz, transformando engenhos em fazendas de café, fazendo declinar a produção de açúcar. A implantação das fazendas de café nesses municípios ocorreu de forma bem mais lenta do que em Campinas e nunca atingiu a escala desta. Durante toda a década de 1850, o volume de açúcar produzido naqueles municípios foi superior ao de café.

O levantamento feito em 1857, para a organização do Almanaque da Província aponta essa tendência. Os dados são incompletos, infelizmente não foram arroladas as propriedades dos dois maiores produtores de açúcar, Itu e Mogi-Mirim, o que elevaria o número de engenhos a mais de 400 unidades. A maior parte da produção de açúcar dá-se nos vales do Tietê e do Piracicaba, mas já há um declínio em relação a 1854. Esses municípios serão responsáveis pelo abastecimento da região. Em 1859 foi registrada a passagem de 12.234 arrobas de açúcar pela barreira de Itapeva, na rota do Sul, em direção ao Paraná, recém desmembrado da Capitania paulista¹⁷.

A evolução da produção de açúcar em Piracicaba ilustra bem o declínio da produção açucareira e a preponderância do café, a partir da década de 1860. Após o declínio, a partir do final da década de 1850, a produção açucareira piracicabana volta a um novo período de expansão, na década de 1880, mas agora não baseada nos engenhos e seus escravos, e sim na indústria moderna. O mesmo ocorreu, em menor escala, com os municípios açucareiros vizinhos.

¹⁵ Sobre o desmembramento dos municípios paulistas e o crescimento demográfico, durante o século XIX, veja MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984, p. 25-29. MARCÍLIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: Edusp/ Hucitec, 2000, p. 71 e p. 138-146.

¹⁶ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de S. Paulo para o anno de 1858*. Organizado e redigido por Marques & Irmãos. 1º anno. S. Paulo: Typographia Imparcial, de J. R. de Azevedo Marques, 1858.

¹⁷ *Discurso com que o Illm. Exc. Senhor Conselheiro Antonio José Henriques, Presidente da Província de S. Paulo, Abrio a Assembléa Legislativa Provincial no anno de 1861*. AESP.

FAZENDAS DE CAFÉ, AÇÚCAR E CRIAÇÃO NO OESTE PAULISTA

MUNICÍPIOS	AÇÚCAR	CAFÉ	CRIAÇÃO	TOTAL
Jundiaí	-	20	9	29
Campinas	28	189	-	217
Piracicaba	49	29	5	84
Mogi-Mirim	-	-	-	-
Limeira	14	74	28	116
Rio Claro	6	35	5	46
Araraquara	-	-	-	-
Franca	-	-	-	-
Sorocaba	2	7	1	10
Itu	-	-	-	-
Porto Feliz	35	32	-	67
Pirapora	53	19	-	72
Capivari	63	32	-	95
TOTAL	244	437	47	728

Fonte: *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de S. Paulo para o anno de 1858*¹⁶.

Von Tschudi, em viagem por São Paulo, nos anos de 1860-61, nos relata a situação da manufatura açucareira nessa região. Capivari, Itu e Piracicaba aparecem como os centros produtores mais importante. O viajante não passou por Porto Feliz e Tietê, municípios nos quais predominava a cultura da cana. Sobre Capivari escreveu: “*Esta Vila é o centro principal de um rico município agrícola, no qual se encontram nada menos de 63 engenhos de açúcar, 32 fazendas de café e 11 de chá*”¹⁹.

Para Campinas apontou a existência de 22 engenhos, que produziam de 55 a 60 mil arrobas. Limeira contava com 9 engenhos e Rio Claro com 6, o que garantia o abastecimento desses municípios, ou parte dele. Em Piracicaba, no distrito da cidade, havia quatro engenhos de açúcar - no município existia um numero bem maior - e 29 propriedades de café e seis de chá²⁰. Sobre Itu não forneceu números de propriedades com engenhos, mas demonstrou a existência de uma importante produção açucareira. No distrito da cidade de Itu, escreveu Tschudi: “*cultiva-se*

¹⁸ SAMPAIO, Sílvia Selingardi. *Geografia industrial de Piracicaba: um exemplo de interação indústria-agricultura*. São Paulo: IG-USP, 1976.

¹⁹ TSCHIDI, J. J. Von. *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Biblioteca Histórica Paulista/ Publicações Comemorativas sob o Patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p. 198.

²⁰ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 174-198.

em vários fazendas a cana de açúcar, sendo algumas destas fazendas otimamente instaladas, não ficando a dever aos melhores engenhos de Pernambuco”²¹.

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE AÇÚCAR E CAFÉ EM PIRACICABA (AÇÚCAR EM ARROBAS)

PRODUTOS	1828	1836	1854	1857	1866	1888	1896
Açúcar	92.439	115.609	180.000	100.000	39.400	50.000	125.468
Café	13	4.699	12.500	80.000	112.850	259.150	147.000

Fonte: SAMPAIO¹⁸, *Geografia industrial...*, p. 65.

Ao apontar o município de Rio Claro como o ponto mais afastado no qual se podia produzir café para a exportação com preço lucrativo, o viajante aponta a existência da produção açucareira para o abastecimento do mercado interno, em especial dos municípios produtores de café. Além de Rio Claro, “nos demais municípios somente os engenhos de açúcar conseguiam ser rendosos, trabalhando para o consumo interno. Uma vez concluída a estrada de ferro até Campinas, é de se supor que estes engenhos possam suprir as necessidades de consumo além do município de Rio Claro”²². As áreas além de Rio Claro, tiveram que aguardar as ferrovias para se conectarem ao mercado externo.

O declínio da produção açucareira paulista e o constante crescimento da população, graças a ampliação da lavoura cafeeira, no final da década de 1850, fez com que a produção paulista não mais tivesse capacidade de abastecer sozinha o mercado provincial, que pelos dados da produção e exportação de 1854 deveria consumir cerca de 10.000 toneladas, o que daria cerca de 25 quilos por habitante. Em poucos anos São Paulo passou de exportadora a importadora de açúcar, consumindo parte da produção nordestina.

No início da década de 1860, São Paulo importava de 1.000 a 2.000 toneladas de açúcar, importação que “foi progressivamente crescendo até o ano de 1872, em que foram importadas 18.000 toneladas, decrescendo de então para cá”²³. Nesse momento, a maior parte do açúcar consumido em São Paulo já era importado de outras Províncias. O desenvolvimento da produção algodoeira em vários municípios do Oeste paulista, na década de 1860, devido à guerra civil nos Estados Unidos, também contribuiu para a redução da produção açucareira paulista, mas criou novos consumidores de açúcar. Entre os anos de 1867 e 1876, a Província exportava anualmente de 7 a 8 mil toneladas de algodão, declinando desde então²⁴.

Em ofício de 13 de janeiro de 1869, ao Governo provincial, a Câmara municipal de Capivari descreve o estado da lavoura do município, que produz café, algodão, açúcar, aguardente, milho, “sendo que só o café e o algodão são exportados para o mercado de Santos, e os demais são vendidos neste mesmo município, a compradores daqui mesmo ou de outros municípios que aqui venhão comprar. O valor dos productos é regurlamente 5.000 rs por arroba de café, 4\$000 rs por arroba de assucar, 2.500 rs por arroba de algodão, 20\$ rs por 32 canadas de aguardente, 1\$000 por

²¹ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 200.

²² PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 188.

²³ *Relatório da Comissão Central de Estatística*. São Paulo: Typographia King, 1888, p. 253.

²⁴ PETRONE, *A lavoura canavieira...*, p. 253.

alqueire de milho, 2\$000 por alqueire de arros, 2\$500 por alqueire de feijão, e 3\$000 por alqueire de farinha de milho”²⁵. Dois anos depois, repete a Câmara: “Este município é essencialmente dedicado a lavoura. Produz assucar, aguardente, café, algodão e generos alimenticios. Exporta seus productos pela Estrada de ferro de Jundiahy ao porto de Santos: a exportação faz-se do café e do algodão; o assucar, agoardente e generos alimenticios são vendidos nas fazendas, para o consumo do mesmo Municipio e dos circunvizinhos”²⁶.

O mesmo ocorria com os municípios vizinhos, café e algodão eram remetidos para Santos, destinados à exportação, enquanto o açúcar, a aguardente e os gêneros alimentícios eram comercializados no mercado provincial. Os municípios com grande produção cafeeira tornaram-se importadores de açúcar de outros, pois não conseguiam se auto abastecer. O algodão, no final da década de 1870, teve o mesmo destino do açúcar.

A população paulista dobrara no período de meados do século XIX até o recenseamento de 1872, auge da importação de açúcar. O número de 417.149 habitantes, em 1854, alcança 837.354, em 1874, o fizera praticamente dobrar o consumo de açúcar²⁷. A construção das ferrovias ligando o porto de Santos a Campinas empurrou a fronteira agrícola de exportação. A quantidade de café exportado pelo porto de Santos alcançou 1.936.903 arrobas no ano financeiro de 1871-72²⁸. O valor da exportação de café pelo porto de Santos, neste mesmo ano, foi de 13.004.567\$000, contra 3.750.590\$000 em 1858-59²⁹. O café garantia uma injeção constante de recursos monetários na economia de São Paulo, o que possibilitava o investimento em outros setores, em especial na construção da rede ferroviária paulista, levada a cabo pelos fazendeiros e comerciantes.

O *Almanak de São Paulo para o anno de 1873* traz o quadro da agromanufatura canavieira que sobreviveu em São Paulo, após a expansão cafeeira das duas décadas anteriores, abastecendo o interior paulista de açúcar e aguardente. Os vales dos rios Tietê e Piracicaba continuam sendo a principal área de produção de açúcar da Província. Em Tietê contam-se 46 fazendas de cana e mais 8 com cana e café, às quais se somam 26 de café e oito de algodão; em Capivari, 39 fazendas de cana, 39 de algodão e 51 de café. Em Porto Feliz predomina o algodão, com 64 lavradores, mais 11 de cana e 6 de café. Para Piracicaba e Itu o Almanak não distingue as propriedades pelo artigo produzido, listando 63 e 35 propriedades de café e cana, respectivamente. Itu contava com mais 18 fazendas de algodão e 12 de chá. Santa Bárbara, que se desmembrara de Piracicaba, aparece com 54

²⁵ *Ofício de 13 jan. 1869*. Ofícios diversos de Capivari. AESP, Cx. 187, Ordem 0982.

²⁶ *Ofício de 15 jan. 1871*. Ofícios diversos de Capivari. AESP, Cx. 187, Ordem 0982.

²⁷ SAES, Flávio Azevedo Marques de. *As ferrovias de São Paulo: 1870-1940*. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, p. 44. MARCÍLIO, *Crescimento demográfico...*, p. 71. Computando a população do Paraná fornece os números seguintes: 1854, 480.608; 1872, 964.076.

²⁸ *Relatório apresentado ao Presidente da Provincia de São Paulo, Dr João Theodoro Xavier, pelo Inspector do Thesouro Provincial*. AESP, 1873.

²⁹ MONBEIG, *Pioneiros e fazendeiros...*, p. 96. SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Editora Nacional, 1977, capítulo 2: São Paulo.

³⁰ *Almanak da Província de São Paulo para o anno de 1873*. 2. ed. Organizado e publicado por Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1985, p. 358-359, p. 367-372, p. 462-467, p. 470-479.

fazendas mistas de cana e algodão³⁰. Quatro anos depois, em 1877, Moraes Barros apontou a existência de 25 engenhos em Piracicaba, produzindo cerca de 50.000 arrobas³¹.

Os municípios de Casa Branca e São João da Boa Vista, no caminho de Goiás, apresentam importante número de propriedades canavieiras. O primeiro conta com 31 fazendas de cana, uma mista com cana e café e outra com cana, café e algodão. O segundo, com 17 propriedades de cana e mais 5 nas quais a cana divide as terras com café. Mogi- Mirim, que contava com 57 engenhos em 1854, apresentava 11 fazendas de cana, 5 mistas de cana e café e 2 que plantavam cana, café e algodão, totalizando 18 propriedades³². Em Araraquara contavam-se 16 fazendas de açúcar, em Serra Negra 11, em Descalvado também 11, em Rio Claro 9, em Limeira 6, São Carlos do Pinhal 10, em Jundiá 9, em Pirassununga 6. Os principais centros produtores de açúcar e aguardente eram os municípios mais afastados do porto de Santos. Formavam uma espécie de cinturão abastecedor da zona central produtora de café, em especial os municípios de Campinas, Rio Claro, Limeira e Indaiatuba³³.

A década de 1870 é representativa, pois marca um momento de mudança na lavoura paulista. A construção das primeiras ferrovias, que rasgaram o Oeste a partir de então, possibilitaram a expansão da lavoura de exportação, diga-se o café, para além das encostas da depressão periférica, caminhando para o centro e norte da Província. A produção de algodão declina, cedendo espaço a novas culturas, deixando o mercado externo para abastecer as fábricas de tecidos que surgirão no último quartel do século. A produção de açúcar e aguardente, como na primeira metade do século, volta a se expandir. O aumento da produção e circulação de mercadorias aumenta o setor urbano e de transporte. Todo esse crescimento econômico só foi possível graças ao crescimento da população, que gera um mercado consumidor cada vez maior. Para o açúcar, estimado um consumo anual de 25 quilos por habitante, o mercado paulista necessitaria pouco mais de 20.000 toneladas para ser abastecido.

Mais da metade desse açúcar provinha do Rio de Janeiro e de Pernambuco, o restante era produzindo internamente. Não é por acaso que quando o Governo imperial lança a política de modernização através dos engenhos centrais, em 1875, os produtores paulistas lançam mão de concessões e são dos primeiros no País a instalarem as modernas unidades produtivas, os engenhos centrais. Em São Paulo existiam, nesse momento, um mercado que alcançava um milhão de almas, uma já secular manufatura açucareira, uma rede ferroviária em expansão e capitais para serem investidos. Possuía, portanto, as condições necessárias para a importação da moderna tecnologia inventada pela revolução industrial européia.

Os engenhos centrais representavam a revolução industrial aplicada na produção dos derivados de cana. Ele veio reinventar e superar a manufatura colonial produtora de açúcar, mecanizando todo o processo produtivo. Seu desenvolvimento teve início com a invenção da moenda a vapor, logo depois seguido da invenção

³¹ BARROS, M. Moraes. "Piracicaba: estado presente. Agosto de 1877". In: *Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1878*, p. 159-164.

³² *Almanak da Província de São Paulo*, 1873.

³³ *Almanak da Província de São Paulo*, 1873.

do cozimento a vácuo nos chamados tríplexes efeitos e das turbinas centrifugadoras, que substituíram os tendais de purgar. No Brasil, para se obter os subsídios do Estado para a instalação de engenhos centrais (especialmente a garantia de juros de 7% e a isenção de taxas de importação) as Companhias não poderiam produzir a matéria-prima necessária para seu abastecimento nem utilizar mão-de-obra escrava³⁴.

O primeiro engenho central de São Paulo foi inaugurado em outubro de 1878, às margens do rio Tietê, município de Porto Feliz. A Companhia Açucareira de Porto Feliz, proprietária do engenho central, fora incorporada em 1876 e teve seus estatutos aprovados pelo decreto 6.355, de 11 de outubro do mesmo ano. Por esse decreto, o Governo Imperial concedia garantia de juros de 7% ao ano sobre o capital de 300 contos de réis.

O município de Porto Feliz foi um dos principais produtores de açúcar da primeira metade do século XIX, mas a partir da década de 1860 seus lavradores se dedicaram com maior afinco à lavoura de algodão, apresentando apenas 11 fazendas de cana, em 1873. O preço do algodão, entretanto, despencou na década de 1870, com a reorganização da produção do Sul dos Estados Unidos, o que levou ao abandono da lavoura algodoeira por partes de vários produtores. Respondendo ao questionário emitido pelo governo provincial, a respeito da produção de algodão, escreveram os vereadores:

*Quanto ao 1º (pouco desenvolvimento da cultura do algodão) entende esta Camara que é devido a baixa em que está, e seu producto liquido não compensa aos agricultores, as despezas que fasem comparando com outra qualquer cultura.*³⁵

Quatro anos depois, no ano da inauguração do engenho central, lemos em ofício da Câmara municipal: “o estado geral da agricultura é péssimo devido a escasses de braços e decadencia da lavoura do algodão, havendo esperanças de melhoras, se tomar a cultura da canna as proporções que se espera com o estabelecimento do Engenho Central”³⁶.

A instalação do engenho central de Porto Feliz aparecia como a salvação da lavoura do município, pois a mesma enfrentava grave crise. A lavoura do algodão, em pouco tempo, deixou de ser promissora e agora os lavadores necessitavam fazer a conversão para outra cultura, no caso, a cana de açúcar. A primeira experiência de instalação de uma grande indústria do açúcar, em São Paulo, não ocorreu, portanto, nos principais municípios açucareiros, nem em um município em expansão agrícola.

A instalação de um engenho central requeria um grande investimento de capital na construção dos edifícios, na importação da moderna maquinaria, na construção de estradas de ferro agrícolas e importação do material rodante. Esse montante de recursos necessário ao investimento estava fora do alcance dos proprietários isoladamente. A solução era a organização de sociedades por ações, o que

³⁴ Decreto 2.687, de 6 nov. 1875. Leis do Império do Brasil.

³⁵ Ofício de 27 mai. 1874. Ofícios diversos, Porto Feliz. AESP. Cx. 386, Ordem 1181.

³⁶ Ofício de 12 jan. 1878. Ofícios diversos de Porto Feliz. AESP. Cx 386, Ordem 1181.

possibilitaria o levantamento do capital. A elite paulista, formada por fazendeiros, comerciantes e banqueiros, já desenvolvera a experiência na incorporação de empresas por ações para a construção das estradas de ferro.

Assim foi organizada a Companhia Açucareira de Porto Feliz, sob a liderança do Desembargador Bernardo Gavião Peixoto, Barão de Três Rios, Antônio de Paula Leite de Barros (maiores acionistas com 50 ações cada), Joaquim Antônio da Silva Camargo, Antônio Manoel de Arruda Abreu, Dr. Joaquim Carlos Travassos e outros, somando mais de 90 acionistas³⁷. A Companhia, no entanto, não conseguiu levantar todo o capital através da emissão de ações, realizando apenas 192:400\$000. Foi necessário empréstimo bancário de 128:600\$000. A instalação completa do engenho custou cerca de 460 contos, sendo cerca de 198 com o maquinário importado da Brissoneau Frère de Nantes, à qual a Companhia devia cerca de 60 contos³⁸.

Na pequena safra experimental de 1878, “*Em 20 dias de moagem, que porem equivalerá a 10 dias de um serviço regular, a fabrica fez cerca de tres mil arrobas de assucar.(...) O produto inferior tem sido vendido a 3.500 por 15 kilos; o superior, que é optimo, a 6.000*”³⁹. Os engenhos tradicionais tinham agora a contribuição da primeira grande indústria açucareira paulista no abastecimento do mercado consumido do interior de São Paulo.

A vizinha cidade de Itú passa a comercializar açúcar do central de Porto Feliz, como podemos ler no jornal *Imprensa Ytuana*, durante o ano de 1879:

*Assucar - Manoel Martins de Padua Mello, tem para vender assucar crystalisado do Engenho Central de Porto Feliz, pondo a disposição do público qualquer quantidade deste genero, o melhor que pôde ser fabricado, por preços mais que commodos, vende as saccas, uma ou muitas.*⁴⁰

*Em casa de Manoel Martins de Padua Mello, rua do Commercio, grade de ferro, continua-se á vender assucar crystalisado do Engenho Central de Porto Feliz.*⁴¹

Em outubro, a mesma casa comercial anuncia a venda de “*assucar do que há de melhor do Engenho Central de Porto, ao preço de 5.500rs por 15 kilos, porem só vende de uma sacca para mais*”⁴². Manoel Martins era distribuidor atacadista do açúcar produzido pelo engenho central de Porto Feliz.

³⁷ ACCIONISTAS da Companhia Assucareira de Porto Feliz. *Estatutos da Companhia Assucareira de Porto Feliz*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger & Filhos, 1877.

³⁸ *Ofício do Director Gerente da Companhia Assucareira de Porto Feliz, José Manoel de Arruda Alvim, 13 dez. 1878*. Ofícios diversos. Cx.386, Ordem 1181. SOUZA, Jonas Soares de. *O Engenho Central de Porto Feliz: uma empresa pioneira em São Paulo*. São Paulo: USP/ Museu Paulista, 1978, p. XXIV-XXV.

³⁹ *Ofício do Director Gerente da Companhia Assucareira de Porto Feliz, José Manoel de Arruda Alvim, 13 dez. 1878*. Ofícios diversos. Cx.386, Ordem 1181.

⁴⁰ *Imprensa Ytuana*, 05 fev. 1879, p. 3. MRCL.

⁴¹ *Imprensa Ytuana*, 24 jun. 1879, p. 4. MRCL.

⁴² *Imprensa Ytuana*, 12 out. 1879, p. 4. MRCL.

Após a experiência pioneira de Porto Feliz surgiram mais três engenhos centrais em São Paulo, no início da década de 1880. Dois nos municípios vizinhos de Capivari e Piracicaba e outro em Lorena, no Vale do Paraíba. Todas as concessões foram obtidas em 1881 e seus concessionários foram: Estevão Ribeiro de Souza Rezende, Antonio Corrêa Pacheco e Joaquim Eugênio do Amaral Pinto, em Piracicaba; Henri Raffard, em Capivari e Antônio Moreira de Castro Lima, José Joaquim Moreira Lima, Arlindo Braga e Francisco de Paula Vicente de Azevedo, em Lorena⁴³.

Diferentemente de Porto Feliz, Piracicaba e Capivari, na mesma região, passavam por um momento de prosperidade econômica graças especialmente à expansão da lavoura cafeeira, mas também à produção de açúcar. Enquanto a Câmara Municipal daquela localidade informava ao Governo Provincial que o estado da lavoura era péssimo, as Câmaras de Capivari e Piracicaba afirmavam a prosperidade da lavoura nas mesmas.

Em 1882, lemos em ofício de Câmara Municipal de Capivari:

*O municipio é riquissimo de terras de superior qualidade= roxas, massapés, vermelhas, barrentas, que dão abundantemente todos os generos de cultura conhecidas na provincia, exportando já 1.800.000 kilos de café commum e geralmente conhecidos; 1.125.000 kilos de assucar feitos ainda pelos antigos e custozos processos, das seguintes cannas, roxa, roza, branca e caninha criolla.*⁴⁴

Além dessa produção de açúcar, que superava mais de 1.000.000 de quilos anualmente, Capivari fabricava cerca de 8.000 cargueiros de aguardente, demonstrando a grande importância na economia do município. Capivari era um dos principais produtores de açúcar e aguardente da Província. Piracicaba, neste momento, exportava em média 4.500.000 quilos de café⁴⁵.

O engenho central de Piracicaba foi inaugurado em 1883, os de Lorena e Capivari, no ano seguinte. A exemplo do central de Porto Feliz, os dois primeiros foram montados com maquinário francês da Brissonneau Frères, enquanto o central de Capivari foi montado pela J & T Dale de Kiredy e Mirrlees Wats & Cia, de Glasgow. A capacidade instalada dessas fábricas era de 240 toneladas diárias de cana e produção mínima de 16.000 sacos de 60 quilos de açúcar por ano⁴⁶.

A inauguração dessas fábricas trouxe para São Paulo um novo padrão técnico, o da grande indústria totalmente mecanizada, que produzia em grande escala e proporcionava rendimento dobrado, acima de 8% cana/açúcar, em relação aos

⁴³ Piracicaba: *Decreto 8.089 de 07 mai. 1881*. Lorena: *Decreto 8.098 de 21 mai. 1881*. Capivari: *Decreto 8.123 de 28 mai. 1881*. Leis do Império do Brasil.

⁴⁴ *Ofício da Câmara Municipal de Capivari. 13 abr. 1882*. AESP, Ofícios diversos, Cx. 187, Ordem 0982.

⁴⁵ *Ofício da Câmara Municipal de Piracicaba, mar. 1883*. AESP, Ofícios diversos, Cx. 378, Ordem 1173.

⁴⁶ SAWYER, Frederic H. *Estudo sobre a indústria assucareira no Estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, 1905, p. 30-49. SOUZA, *O Engenho Central...*, p. XX. BRAY, Sílvio Carlos. *A formação do capital na agroindústria açucareira de São Paulo: revisão dos paradigmas tradicionais*. Rio Claro: UNESP, 1989 (Tese de Livre Docência), p. 72-74.

engenhos tradicionais. Seu açúcar era de qualidade bem superior, com alto índice de polarização, pronto para o consumo direto. Os municípios onde estavam localizados transformaram-se nos maiores produtores provinciais e suas fábricas eram exemplos nacionais de modernização do setor no Império.

Os três primeiros centrais de São Paulo foram obra do capital nacional, acumulado na lavoura canavieira, cafeeira, algodoeira, no comércio e transporte. A Companhia açucareira de Porto Feliz, incorporada em 1876, tinha como seus maiores acionistas os seguintes senhores: Bernardo Avelino Gavião Peixoto (capitalista e empresário, residente em São Paulo, 50 ações); Barão de Três Rios (capitalista e fazendeiro, residente em Campinas, 50 ações); Antonio de Paula Leite de Barros (fazendeiro de cana, residente em São Paulo); José Antonio da Silva Camargo (fazendeiro de Cana de Porto Feliz, 25 ações); Luiz Teixeira da Fonseca (fazendeiro de algodão de Porto Feliz, 25 ações); Salvador Corrêa de Moraes (fazendeiro de cana de Porto Feliz, 25 ações); Antonio Manoel de Arruda Abreu (fazendeiro de cana de Porto Feliz, 25 ações); Dr. Joaquim Carlos Travassos (médico e capitalista, residente no Rio de Janeiro, 25 ações); Frederico Brand (engenheiro topógrafo alemão, 25 ações); Francisco Antonio da Fonseca (fazendeiro de cana de Porto Feliz); Baronesa de Limeira (capitalista e fazendeira, residente em São Paulo, 20 ações); Barão de Souza Queirós (capitalista, empresário, fazendeiro de café, algodão e cana, residente em São Paulo, 20 ações); Barão de Porto Feliz (capitalista e fazendeiro de café, residente em Rio Claro, 20 ações)⁴⁷. A lista nos apresenta a diversidade das atividades econômicas das pessoas envolvidas nessa primeira grande indústria açucareira paulista, indivíduos de negócios que investiam seus capitais em várias atividades econômicas, entre os quais o engenho central. Alguns acionistas tinham capitais aplicados em ferrovias, como são os casos do Barão de Souza Queirós e Bernardo Gavião Peixoto⁴⁸.

A Companhia Engenho Central de Piracicaba foi incorporada pelos senhores Estevão Ribeiro de Souza Rezende, depois Barão de Rezende (fazendeiro de café e cana em Piracicaba), Antonio Correa Pacheco (também fazendeiro de café e cana no mesmo município) e Joaquim Eugênio do Amaral Pinto⁴⁹.

Em Lorena, a Companhia proprietária do engenho central era dominada pela família Moreira Lima, a mais rica família da cidade, liderada pelos irmãos Visconde de Moreira Lima e Barão de Castro Lima. Os seis maiores acionistas, dentre o total 42, concentravam, em 1885, 1849 ações, 73,96% das 2.500 existentes⁵⁰.

O engenho central de Capivari foi construído com capital inglês, que comprou a concessão de Henrique Raffard, recebida em 1881, e incorporou a The São Paulo Central Sugar Factory of Brazil. Este engenho foi instalado às margens do Rio Capivari, em terreno do Conselheiro Gavião Peixoto, acionista do engenho de

⁴⁷ SOUZA, *O Engenho Central...*, p. XXIV. BRAY, *A formação do capital...*, p. 70.

⁴⁸ BRAY, *A formação do capital...*, p. 49.

⁴⁹ BRAY, *A formação do capital...*, p. 72. TERCI, Eliana Tadeu. *A agroindústria canavieira de Piracicaba: relações de trabalho e controle social (1880-1930)*. São Paulo: PUC, 1991 (Dissertação de Mestrado), p. 70.

⁵⁰ Relatório da Companhia Engenho Central de Lorena de 15 de janeiro de 1886, Anexo 8, APL. MELO, José Evando Vieira de. *O Engenho Central de Lorena: modernização açucareira e colonização (1881-1901)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003 (Dissertação de Mestrado), p. 68-88.

Porto Feliz. A Companhia inglesa pouco durou, pois um déficit de 130 contos a levou a falência. Os credores assumiram a fábrica, constituindo a Companhia Engenho Central de Capivari, em 26 de Junho de 1886, presidida pelo Dr. Albano Pimentel, fazendeiro de cana da região⁵¹.

Esses engenhos centrais nasceram para competir com outras Províncias pelo abastecimento do mercado paulista e a entrada em operação dessas unidades produtivas fez baixar a quantidade de açúcar importada, como mostram os dados da Comissão Central de Estatística. Os produtores paulistas tinham a vantagem da proximidade do mercado, o que garantia menores gastos com o transporte das mercadorias.

IMPORTAÇÃO DE AÇÚCAR POR CABOTAGEM EM SÃO PAULO - 1882-1887

ANOS	1882-83	1883-84	1884-85	1885-86	1886-87
AÇÚCAR (toneladas)	14.896	16.765	11.369	5.285	12.909

Fonte: Relatório da Comissão Central de Estatística, 1887-1888. São Paulo, Typographia King, 1888, p. 26.

A importação caiu de 16.765 toneladas, no ano de 1883-84, para 11.369, em 1884-85, e para 5.285, no ano seguinte, justamente nos anos das primeiras safras desses três novos engenhos centrais paulistas, voltando novamente para o patamar de 13.000 toneladas, em 1886-87.

A comissão de estatística calculava a produção provincial de açúcar em cerca de 6.000 toneladas, sendo seus principais produtores os municípios de Piracicaba, Capivari, Lorena, Porto Feliz, Monte-mór, Itu, Araraquara, Cajuru, Jaboticabal, Santa Bárbara, Tijuco Preto e Santa Cruz do Rio Pardo. A relação exposta confirma a persistência da produção açucareira realizada no antigo padrão da agromanufatura dos engenhos tradicionais, pois apenas nos quatro primeiros municípios existiam os grandes engenhos centrais. Alguns desses engenhos eram movidos a vapor, transformando-se em unidades semimecanizadas.

Dos 18 engenhos de Santa Bárbara, cinco eram movidos pela força do vapor, três pela da água e três pela tração animal. A produção alcançava 225.000 quilos de açúcar e 147.000 litros de aguardente. Monte-mór fabricava 150.000 quilos de açúcar em seis engenhos, sendo três movidos a vapor, um a água e dois pelos animais. Itu aparece com uma produção de 700.000 quilos de café e 550.000 de açúcar e 200.000 de algodão. O município de Cajuru, a 369 km da capital, aparece como o maior produtor da Província, com 3.000.000 de quilos de açúcar, maior do que a produção de café, de 2.000.000⁵².

Com a inauguração dos engenhos centrais, Porto Feliz e Piracicaba voltam a produzir acima de um milhão de quilos anualmente. São 1.200.000 e 1.050.000 quilos, respectivamente. O central de Piracicaba produzia cerca de 450.000 quilos,

⁵¹ SAWYER, *Estudo...*, p. 36-37. BRAY, *A formação do capital...*, p. 73-74.

⁵² *Relatório da Comissão Central de Estatística, 1887-1888*. São Paulo: Typographia King, 1888, p. 326, p. 424-425, p. 443-446, p. 478, p. 574-578.

o de Lorena, cerca de 430.000, em 1885⁵³. Pelos dados levantados, a produção de açúcar em São Paulo ultrapassava as 6.000 toneladas, apontadas pela Comissão de estatística.

A partir desse momento de instalação da grande indústria do açúcar, aguardente e álcool em São Paulo, a população do território paulista passará por uma grande expansão, com a entrada de milhares de imigrantes, a partir de meados da década de 1880, ampliando ainda mais o mercado consumidor provincial. Em 1887, entraram em São Paulo mais de 32.000 imigrantes; no ano seguinte, cerca de 92.000. Na última década do século entraram cerca de 750.000 imigrantes na Província e em 1900 a população da mesma alcançou a soma de 2.609.415 habitantes⁵⁴. Só a população da capital saltou de 64.934, em 1890, para 239.820, em 1900, crescimento de 268%⁵⁵.

A produção paulista de açúcar em expansão não consegue abastecer esse mercado, importando grande quantidade de açúcar do Nordeste e do Rio de Janeiro. No ano financeiro de 1887-88, a Companhia Santos Jundiá transportou 11.338.600 quilos de açúcar⁵⁶. Henri Diamanti, em estudo de 1898, calcula que o mercado interno brasileiro consome cerca de 350 mil toneladas, ou 5.830.000 sacos de 60, avaliando consumo individual de 25 quilos, para uma população de 14 milhões de pessoas. Mas escreve o autor: “Considerando-se o imenso consumo de café e de doçarias que se faz em todas as classes sociais, este número parece representar uma avaliação pessimista”⁵⁷.

O mercado do Rio de Janeiro, além de grande consumidor, era grande distribuidor de açúcar, no final do século XIX, fornecendo açúcar para os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. “O fato se explica pela dificuldade das relações comerciais diretas entre os portos do Norte e as cidades de Sul”⁵⁸. Os dados seguintes mostram a entrada de açúcar no mercado do Rio de Janeiro.

ENTRADAS DE AÇÚCAR NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO (1891-1897), EM SACOS DE 60 KG

ANOS	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897
AÇÚCAR	868.710	-	923.683	1.344.809	1.192.952	1.209.216	1.019.216

Fonte: DIAMANTINI, “Nota sobre a indústria...”, p. 239.

⁵³ Relatório da Comissão Central de Estatística, 1887-1888, p. 443-446. SAMPAIO, Geografia industrial..., p. 72. MELO, O Engenho Central..., p. 103.

⁵⁴ HOLLOWAY, Thomas H. Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 68. MARCÍLIO, Crescimento demográfico..., p. 71.

⁵⁵ SINGER, Desenvolvimento econômico..., p. 47.

⁵⁶ Relatório do Presidente da Província de São Paulo, Pedro de Azevedo, 1889. AESP.

⁵⁷ DIAMANTINI, Henri. “Nota sobre a indústria açucareira no Brasil”. In: PERRUCCI, Gadiel. A República das usinas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, Parte IV, p. 235. A estimativa de consumo de 25 quilos por habitante é feita por Henri Raffard e pelo Centro d’Indústria e Comercio de Assucar.

⁵⁸ DIAMANTINI, “Nota sobre a indústria...”, p. 239.

Ao término do século XIX, mais seis usinas de cana haviam surgido em São Paulo, interessadas em atender o sempre crescente mercado interno paulista, todas fora da política de engenhos centrais, iniciada em 1875 e, portanto, sem garantia de juros nem subsídios. A primeira delas foi a pequena usina Monte Alegre, montada na tradicional fazenda que lhe deu o nome, em Piracicaba, em 1887. Depois vieram Freitas, em Araraquara (1889), Indaiá e Cachoeira, em Franca (ambas em 1898), London, em São Simão (1899)⁵⁹.

Essas usinas foram fundadas por homens que acumularam capitais principalmente na atividade cafeeira, que dinamizava a economia paulista com sua exportação. A maquinaria era comprada frequentemente no Rio de Janeiro, em especial da região campista, como foi o caso da usina Cachoeira, montada por Manuel Dias do Prado. O Comendador Freitas montou sua usina com maquinaria importada da Cail⁶⁰.

A London foi montada pelo grande cafeeicultor da região de Ribeirão Preto, Dr. Henrique Dumont, que comprou todo o maquinário do engenho central Rio Branco, que fora instalado no município da Barra do Piraí, na antiga Província fluminense, em 1886⁶¹.

A maioria do açúcar consumido em São Paulo no final do século XIX não provinha destas grandes indústrias, mas dos engenhos bangüês que se desenvolveram na antiga Província. Levantamento realizado pela Secretaria da Agricultura, em 1900, apontou a existência de 2.494 engenhos e engenhocas, dos quais 123 para a produção de açúcar, 72 de rapadura e 2.299 de aguardente⁶². Estes e aquelas não davam conta de abastecer o mercado paulista, carecendo importar uma boa quantidade de açúcar nordestino. Os dados a seguir demonstram essa realidade.

PRODUÇÃO E CONSUMO DE AÇÚCAR EM SÃO PAULO EM 1901 (SACOS DE 60 QUILOS)

PRODUÇÃO	ENGENHOS	USINAS	CONSUMO	IMPORTAÇÃO
1.094.358	943.436	150.922	1.961.013	866.655

Fonte: BRAY, *A formação do capital...*, p. 92.

A lavoura canavieira paulista produzia 57% do açúcar que consumia e 86,20% dessa produção era realizada nos engenhos, agora não mais com o trabalho escravo, enquanto as usinas produziam 13,80%. Essa produção era mais de cinco vezes superior à realizada no auge da exportação paulista de açúcar, em meados do século XIX. Não houve, desta maneira, um ciclo da lavoura canavieira paulista, extinto pelo rápido crescimento da cultura do café; mas uma regressão momentânea, logo superada e expandida por novas técnicas de produção e de transportes.

⁵⁹ DIAMANTINI, “Nota sobre a indústria...”, p. 128-138, p. 155.

⁶⁰ DIAMANTINI, “Nota sobre a indústria...”, p. 130, 136-137.

⁶¹ DIAMANTINI, “Nota sobre a indústria...”, p. 128. Sílvio Carlos Bray mostrou o processo de acumulação do Sr. Henrique Dumont e a fundação dessa usina. BRAY, *A formação do capital...*, p. 129-132.

⁶² BRAY, *A formação do capital...*, p. 91.

Os quatro engenhos centrais instalados em São Paulo, entre 1878 e 1884, passaram por várias crises financeiras e foram vendidos para investidores franceses, no alvorecer do oitocentos, que passaram a controlar as maiores unidades produtoras de açúcar, aguardente e álcool do Estado. Antes mesmos da reorganização feita pelos franceses, essas unidades evoluíram para a estrutura usineira, integrando a produção agrícola e fabril, sem deixar de manter, pelo menos em parte, o fornecimento de cana de terceiros.

A Província/ Estado de São Paulo, com o crescimento econômico e demográfico da segunda metade do século XIX, no qual a implantação das ferrovias e a imigração desempenharam papel fundamental, transformou-se no principal mercado consumidor para os derivados de cana, em um momento crucial no qual o açúcar brasileiro, diga-se a produção nordestina, perdia seus mercados no exterior, necessitando converter sua produção para o mercado nacional. Esses engenhos centrais fundaram a grande indústria açucareira em São Paulo e foram parte integrante da formação da moderna agroindústria canavieira no país, que marcaria tão fortemente a nossa história do século XIX.

Em São Paulo, na Segunda metade do século XIX, não houve a substituição total da lavoura canavieira pela cafeeira, pois ambas conviveram juntas. Em alguns momentos, a lavoura canavieira cedeu espaço para a lavoura cafeeira, mas o inverso também é verdadeiro. O desenvolvimento e expansão do complexo cafeeiro de exportação criou um mercado consumidor para a indústria nascente, entre as quais a moderna agroindústria canavieira.

RESUMO

A manufatura escravista açucareira passou por grande expansão no planalto paulista, durante toda a primeira metade do século XIX, conectando a Capitania/Província de São Paulo ao circuito do comércio mundial. A partir da década de 1830, a manufatura do açúcar passou a sofrer a concorrência da lavoura cafeeira, em franca expansão no Vale do Paraíba e na região de Campinas. Na segunda metade do oitocentos, a exportação de café ultrapassou a de açúcar pelo porto de Santos. A manufatura açucareira restringiu-se a alguns municípios, abandonou o mercado externo e converteu sua produção para o mercado paulista. Este se ampliava rapidamente, acompanhando a expansão cafeeira no oeste paulista, aumentando a base econômica e demográfica da Província. A existência desse mercado paulista para o açúcar local e também de outras Províncias, criado pelo desenvolvimento do complexo cafeeiro, possibilitou o surgimento de quatro engenhos centrais, dando origem à grande indústria do açúcar em solo paulista.

Palavras-Chave: Indústria Açucareira; Província de São Paulo; Século XIX.

ABSTRACT

The slavery sugar manufacture had great expansion in São Paulo plateau, during the whole first half of 19th century, connecting this Province to the sugar world trade circuit. Starting from the decade of 1830, the manufacture of the sugar started to suffer the competition of the coffee farming, in large expansion in Paraíba River valley and in Campinas area. In the second half of that century, the coffee export surpassed sugar in Santos harbour. The sugar manufacture was limited to some municipal districts, and abandoned the external market converting its production to São Paulo market. This was quickly enlarged, accompanying the coffee expansion to the west, increasing the economical and demographic base of the area. The existence of that market for the local sugar and also of other provinces, created by the development of the coffee sector, made possible the appearance of four central mills, creating the great sugar industry in São Paulo province.

Keywords: Sugar Industry; São Paulo Province; 19th Century.